



LEWIS CARROLL

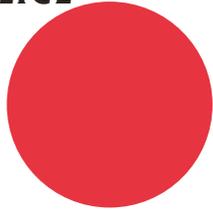
ALICE
no **PAÍS**
das **MARAVILHAS**

Ilustrado por **YAYOI KUSAMA**



ÍNDICE

NA TOCA DO COELHO	1
O LAGO DE LÁGRIMAS	19
UMA MARATONA ELEITORAL E UMA LONGA CAUSA	35
O COELHO MANDA ENTRAR O PEQUENO BILL	43
CONSELHOS DE UMA LAGARTA	61
PORCO E PIMENTA	77
UM CHÁ DE LOUCOS	91
O CAMPO DE CRÓQUETE DA RAINHA	107
A HISTÓRIA DA TARTARUGA FINGIDA	127
A CONTRADANÇA DA LAGOSTA	141
QUEM ROUBOU AS TARTES?	153
O DEPOIMENTO DE ALICE	163





CAPÍTULO UM

NA TOCA DO COELHO

ALICE começava a cansar-se de estar sentada na margem do rio ao lado da irmã, sem ter nada para fazer. Por uma ou duas vezes, espreitou o livro que a irmã estava a ler, mas as páginas não tinham ilustrações nem diálogos. *E para que serve um livro se não traz ilustrações nem diálogos?*, pensou Alice.

Interrogava-se, então (tanto quanto lhe era possível interrogar-se sobre o que quer que fosse, apalermada como se sentia, por causa do calor daquela tarde), se o prazer de enraçar uma grinalda de margaridas compensaria o incómodo de se levantar e de as colher quando, inesperadamente, um Coelho Branco de olhos rosados passou por ela a correr.

Não era coisa de estranhar *enormemente*, nem Alice ficou *enormemente* espantada quando ouviu o Coelho a dizer para si próprio: «Oh, céus! Oh, céus! Lá vou eu chegar atrasado!» (Quando, mais tarde, aquela circunstância lhe voltou à memória, ocorreu-lhe que talvez devesse ter achado estranho, mas, na altura, tudo lhe pareceu perfeitamente natural.)

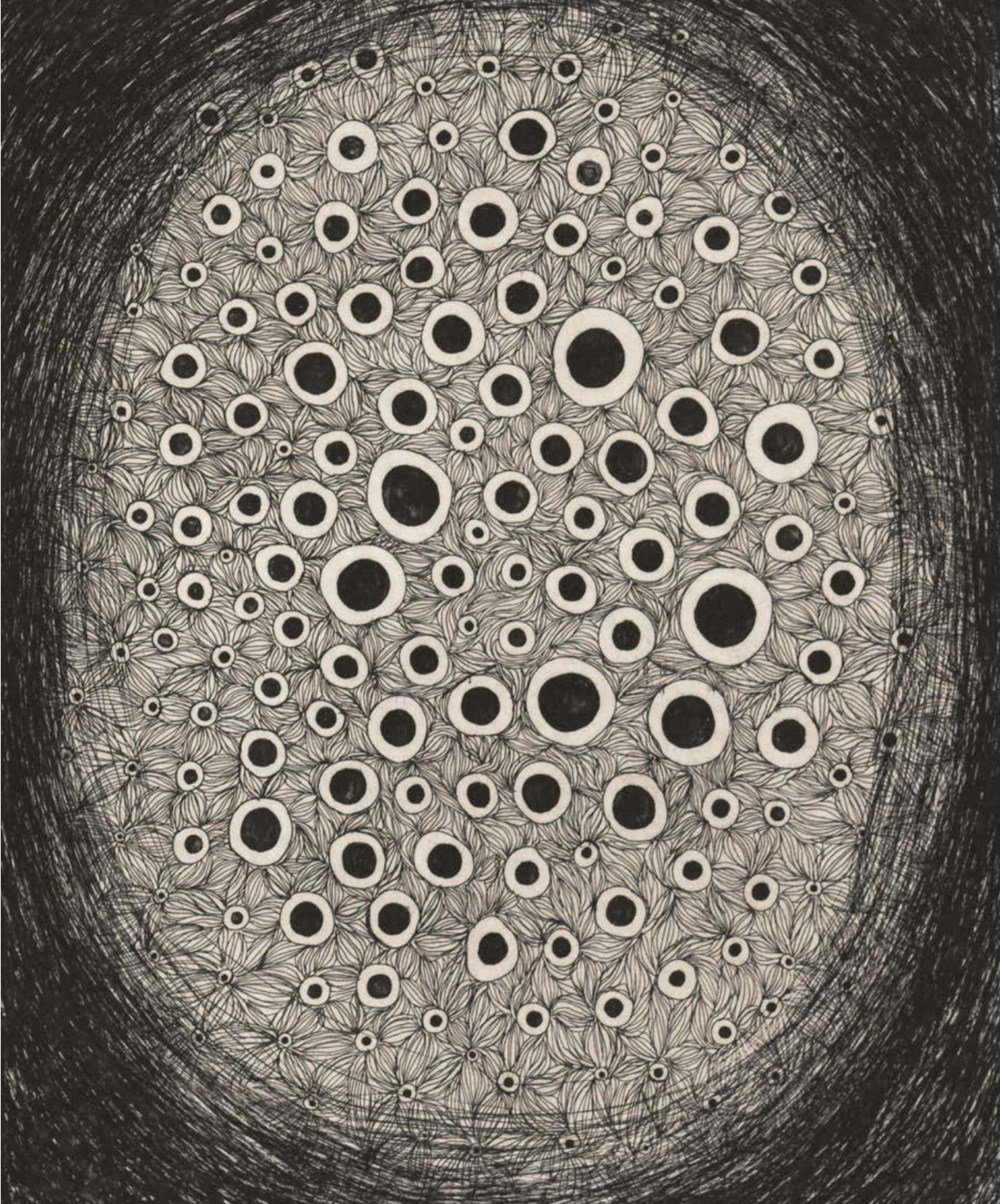
No momento em que o Coelho efetivamente pegou num relógio que trazia no bolso do colete, viu as horas e apressou ainda mais o passo, é que Alice tomou, de repente, consciência de que nunca tinha visto um coelho com um colete, e muito menos com um relógio para tirar do seu bolso; pôs-se de pé de um pulo, e, ardendo de curiosidade, correu pelo campo atrás do Coelho, chegando mesmo a tempo de o ver mergulhar numa grande toca escondida pela sebe.

Num abrir e fechar de olhos, Alice mergulhava no seu encaço, sem pensar um só instante em como faria para voltar a sair dali.

A toca do Coelho estendia-se como um túnel a direito durante algum tempo, mas inclinava-se para baixo logo a seguir, tão subitamente que Alice nem sequer teve tempo para pensar em parar antes de dar consigo a cair no vazio, por um poço que parecia não ter fundo.

Ou o poço era, de facto, muitíssimo fundo ou era ela que caía muitíssimo lentamente. Durante a descida, e com toda a calma, Alice foi observando tudo à sua volta e ponderando sobre o que lhe havia de acontecer a seguir. Olhou primeiro para baixo, a tentar perceber onde terminaria a queda, mas estava demasiado escuro e não viu coisa alguma. Voltou-se, então, para as paredes do poço e descobriu que estavam repletas de louceiros e estantes de livros, mapas e retratos que, aqui e ali, pendiam de pequenas estacas de madeira. Caindo sempre, pegou ao acaso num frasco que repousava numa das prateleiras, etiquetado como

«*MARMELADA
DE LARANJA*». Estava vazio, para sua enorme
desilusão! Com medo de largar o frasco e correr o risco de matar alguém
lá em baixo, teve o cuidado de o arrumar de volta num dos guarda-louças

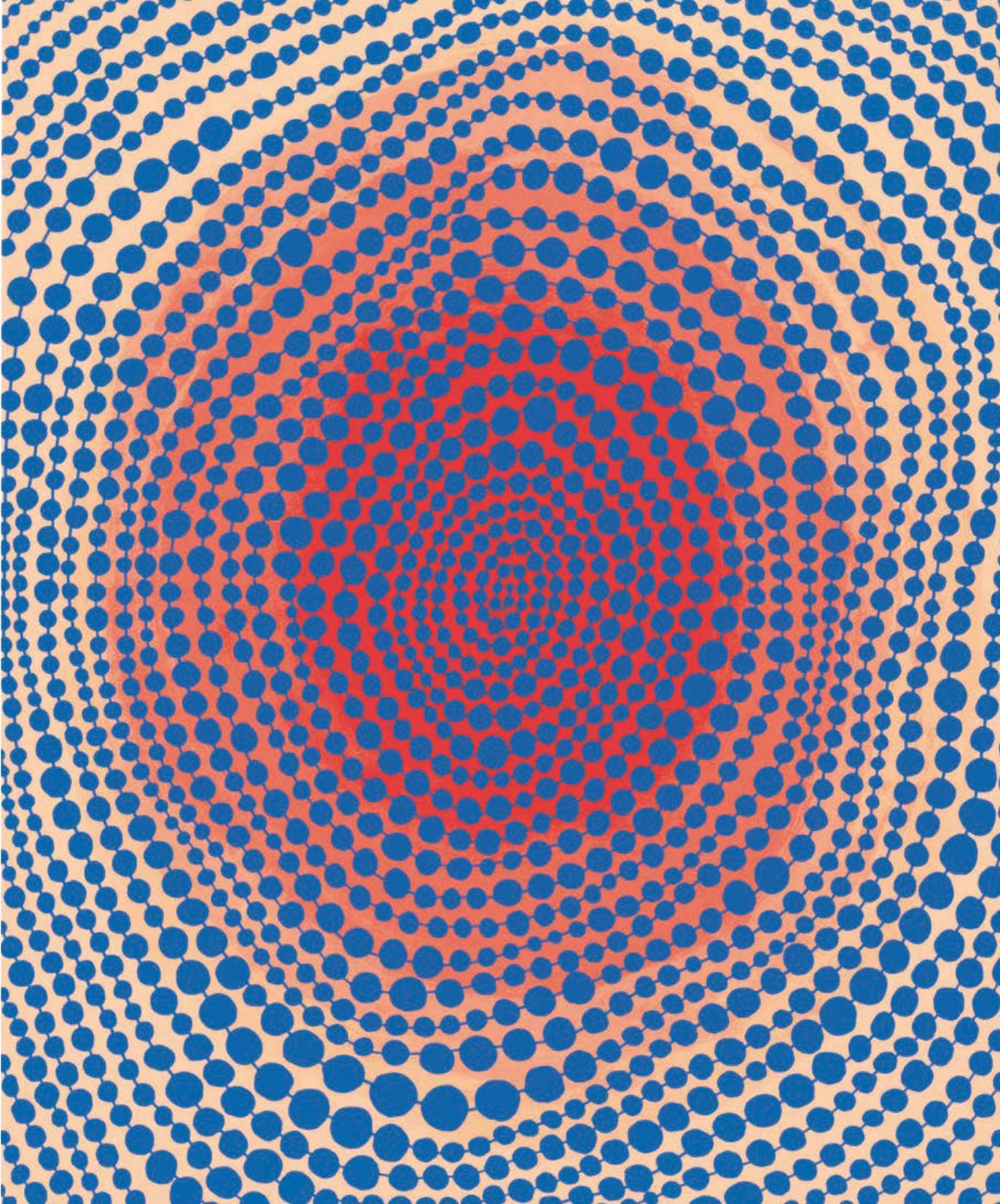


que viu ao passar. *Bem*, pensou Alice, *depois de uma queda como esta, nunca mais vou estranhar os trambolhões que dou pelas escadas abaixo! E lá em casa todos me vão achar muito valente! Nem um tombo do telhado abaixo vai merecer um só queixume!* (O que era bem capaz de ser verdade.)

Fundo,
fundo,
fundo,

cada vez mais fundo, e a queda continuava sem fim à vista. «Que distância terei já descido? Isso é que eu gostava de saber», disse em voz alta. «Devo estar quase a chegar ao centro da Terra. Deixa ver, será coisa para mais de seis mil quilómetros de profundidade, penso eu...» (Não sei se sabem, mas Alice aprendeu muitas coisas deste género na escola durante as aulas, e ainda que esta pudesse não ser a *melhor altura* para exhibir o seu conhecimento, uma vez que não havia mais ninguém a ouvir, não deixava de ser um bom pretexto para exercitar a memória.) «Decididamente, a distância deve ser essa, mas então, pergunto eu, a que latitude e longitude irei parar?» (Alice não fazia nenhuma ideia do que seria a latitude, e muito menos a longitude, mas pareciam-lhe palavras esplêndidas e muito dignas de serem ditas.)

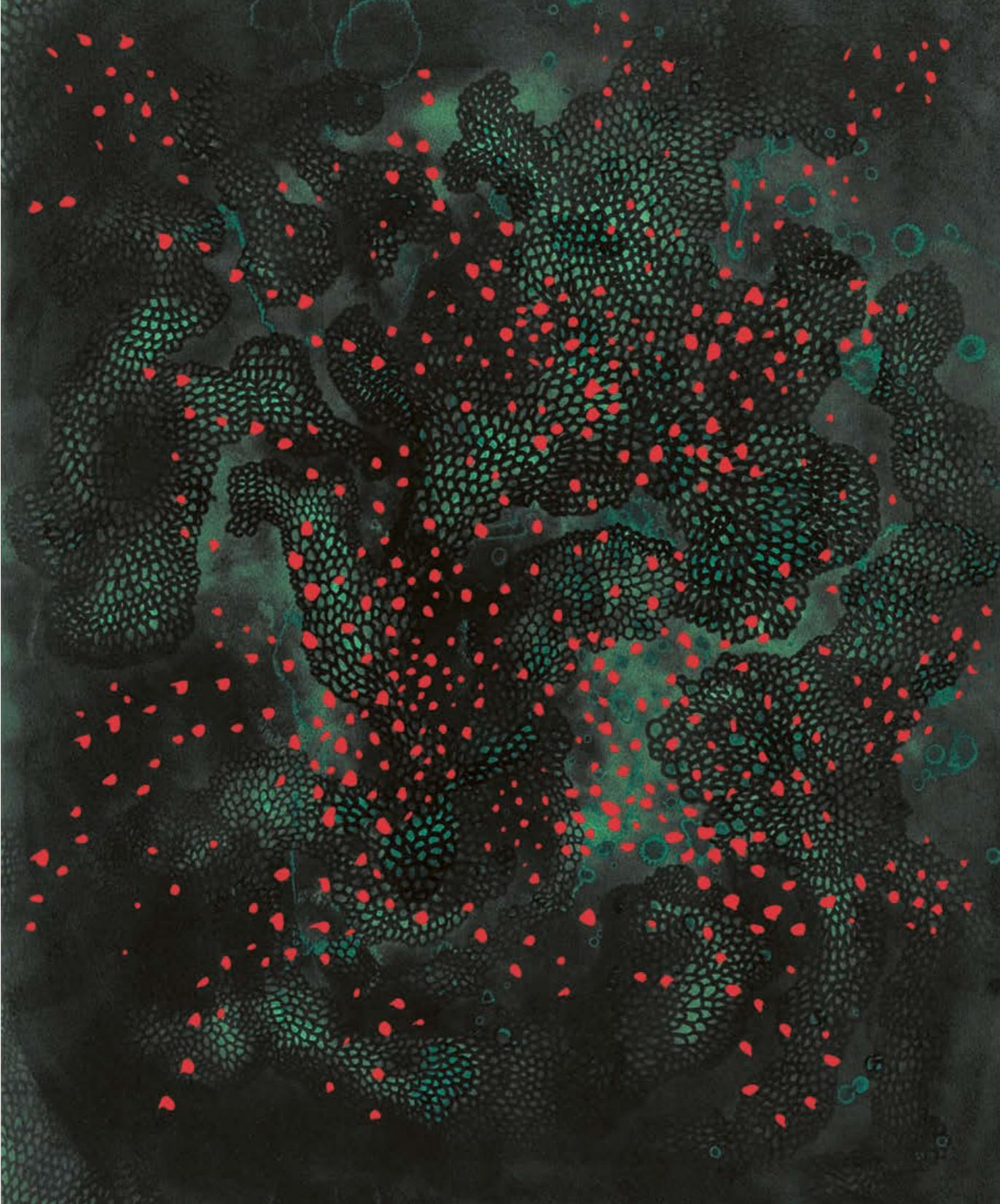
E a conversa recomeçava. «Querem ver que vou passar *através* da Terra, entrando de um lado e saindo do outro! Que engraçado seria se eu saísse entre as pessoas que caminham com a cabeça para baixo! Os antipodeus, acho que é assim que se chamam.» (Desta vez, estava bastante aliviada por não haver ninguém a ouvir, já que a palavra não



lhe soava nada bem.) «Suponho que, se quiser saber, terei de perguntar a alguém o nome do país. “Desculpe, minha senhora, estamos na Nova Zelândia ou na Austrália?”» (Ao mesmo tempo que falava, Alice esboçou uma pequena vénia. Já imaginaram como será fazer uma vénia em plena queda no vazio? Acham que seriam capazes?) «E que espécie de menina ignorante achariam que sou por fazer tal pergunta? Não. O melhor será não fazer perguntas. Talvez eu possa encontrar o nome escrito em algum lado.»

Fundo, fundo, fundo,

cada vez mais fundo e, como não havia mais nada para fazer, Alice continuava a falar sozinha. «Creio que esta noite a *Dinah* vai sentir muito a minha falta.» (*Dinah* era a gata.) «É bom que alguém se lembre de lhe dar o pratinho de leite pela hora do chá. *Dinah*, minha querida! Quem me dera que estivesses comigo aqui em baixo! Temo que não haja ratinhos no meio do ar, mas talvez conseguisses apanhar um morcego. Ficas a saber que são muito parecidos. Pergunto-me se os gatos comem morcegos.» Por esta altura, Alice começou a sentir-se sonolenta e, repetindo as palavras, já as ouvia como num sonho. «Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos?» E às vezes: «Os morcegos comem gatos?» Porque, estão a ver, como ela não sabia responder a





ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

nenhuma das perguntas, pouco importava a ordem dos elementos. Alice estava a adormecer e começou a sonhar que passeava de mão dada com *Dinah* e a incitava carinhosamente a confessar tudo: «Vá, *Dinah*, conta-me a verdade. Alguma vez comeste um morcego?» Quando, subitamente, *catrapum!* Trambolhou, por fim, numa pilha de gravetos e folhas secas, e a queda chegou ao fim.

Alice não sofreu o mínimo arranhão e num instante se pôs de pé. Olhou para cima, mas a escuridão cobria tudo sobre a sua cabeça. Na sua frente, pelo contrário, estendia-se bem visível outra passagem, por onde viu o Coelho Branco a correr apressado. Não havia tempo a perder, e, ágil como o vento, Alice perseguiu-o, atenta às palavras dele, uns passos à frente, ali ao virar da esquina: «Oh, pelas minhas orelhas e pelos meus bigodes! Está a fazer-se tão tarde!» A seguir à curva, quando pensava que estava prestes a apanhá-lo, Alice descobriu que o Coelho desaparecera. Encontrava-se, agora, sozinha numa longa sala, iluminada por uma fila de lamparinas, todas penduradas no teto baixo.

Havia portas em todos os lados da sala, mas estavam fechadas à chave, e, depois de correr a experimentar abrir todas, de um lado e do outro, Alice caminhou tristemente por entre as portas, sem nenhuma ideia de como havia de sair dali.

De repente, reparou numa mesinha de três pés, toda feita de vidro. Não havia nada em cima dela exceto uma pequeníssima chave dourada, e o primeiro pensamento de Alice foi que aquela chave talvez pudesse abrir uma das portas. Mas, lamentavelmente, ou as fechaduras eram demasiado grandes, ou a chave pequena demais, e, fosse de que maneira fosse, não conseguiu abrir nenhuma das portas. Porém, durante a sua segunda volta à sala, Alice encontrou uma cortina que lhe dava pelas canelas que não tinha visto antes. A cortina escondia uma pequena porta, com cerca de trinta centímetros de altura. A menina experimentou a pequena chave dourada na fechadura e, para sua enorme alegria, serviu na perfeição!

Alice destrancou a porta e descobriu que dava para uma pequena passagem, não muito maior do que a toca de um rato. Ajoelhou-se e espreitou para o mais encantador jardim que alguma vez possam ter visto. Estava desejosa de sair daquela sala escura e passear entre os canteiros de flores viçosas e os fontanários de água fresca, mas, por mais que desejasse, não havia forma alguma de a sua cabeça caber na moldura da pequena porta. *E mesmo que a minha cabeça pudesse passar*, pensou a pobre Alice, *havia de ter fraca serventia sem os ombros. Oh, quem me dera conseguir encolher-me como um telescópio! Creio que seria capaz se, pelo menos, soubesse por onde começar.* Por esta altura, como já perceberam, tendo em conta tudo o que vivera, Alice já acreditava que pouca coisa seria, de facto, impossível.



ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

De qualquer modo, ficar à espera junto à porta em nada ia ajudar, pelo que voltou para perto da mesa, na esperança de aí encontrar outra chave ou, quem sabe, um manual de instruções para encolher pessoas como os telescópios. E, desta vez, encontrou uma garrafinha pousada na mesa. «Tenho a certeza de que isto não estava aqui», disse Alice. Um fino fio ao redor do pescoço da garrafa prendia uma pequena etiqueta de papel com as palavras

«***BEBE-ME***» primorosamente impressas em caracteres bem legíveis.

Dizer simplesmente «Bebe-me» é coisa fácil, mas Alice era uma menina ajuizada e não lhe parecia bem obedecer àquilo, assim a correr e sem pensar. «Primeiro, deixa-me ver», disse, «se a garrafinha foi rotulada com a palavra “veneno”.» Isto porque Alice já lera várias pequenas histórias sobre crianças que acabavam assadas no forno, comidas por bichos selvagens e vítimas de outras coisas pouco agradáveis, tudo porque não se lembravam das regras simples que haviam aprendido com os amigos. Coisas como, por exemplo, que um atizador de lume irá queimar-nos as mãos se o segurarmos durante demasiado tempo; que, se uma faca nos cortar um dedo com *alguma* profundidade, é provável que o dedo sangre; e sobretudo algo que Alice nunca esqueceu: que se bebermos sem moderação de uma garrafa rotulada como «veneno», é garantido que, mais cedo ou mais tarde, o que bebermos irá fazer-nos alguma maldade.

Contudo, esta garrafinha *não* estava rotulada como «veneno», por isso Alice atreveu-se a provar o seu sabor e, achando-o muito agradável (sabia, na verdade, a uma espécie de mistura de tarte de cereja, leite-creme, ananás, peru assado, rebuçado de caramelo e pãozinho torrado com manteiga), bebeu o líquido todo num instante.

«Que
sensação
tão curiosa»,
notou Alice.

«Devo estar a
encolher
como um
telescópio!»

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

E assim era efetivamente. Ficou, naquele momento, com apenas 25 centímetros de altura e o seu rosto iluminou-se com a ideia de ter, finalmente, o tamanho perfeito para atravessar a pequena porta e entrar no encantador jardim que se encontrava por detrás dela. Mas, primeiro, esperou alguns minutos para se assegurar de que não iria encolher mais. Não havia dúvida de que estava um pouco nervosa. «Bem, pode ser este o meu fim», disse para si própria. «Sumir-me de todo, como uma vela que se apaga. Que forma teria eu, então?» E tentou fantasiar sobre como seria a chama de uma vela depois de a vela ser soprada, porque não se lembrava de alguma vez ter visto tal coisa.

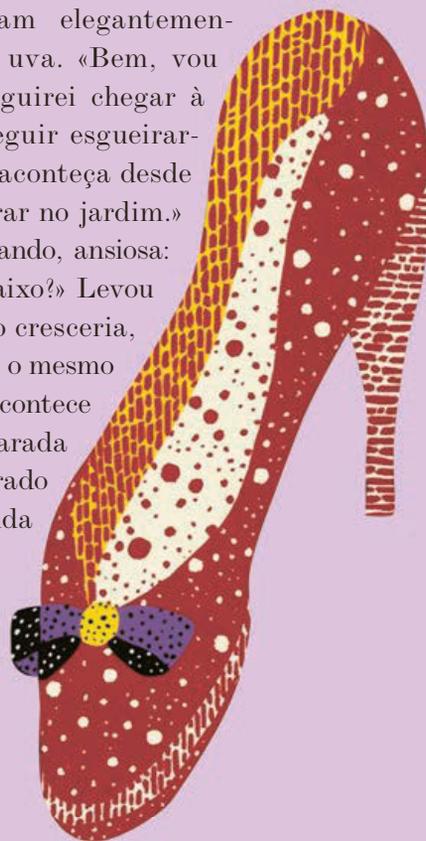
Passado algum tempo, percebendo que nada mais iria acontecer, decidiu apressar-se pelo caminho rumo ao jardim, mas, desgraçadamente para a pobre Alice, mal chegou à porta, percebeu que se esquecera da pequena chave dourada e, ao voltar à mesa para a recuperar, descobriu que não tinha como alcançá-la. Conseguia vê-la perfeitamente através do vidro, e esforçou-se por trepar por uma das pernas da mesa, mas esta era demasiado escorregadia. Invasa pela exaustão de tantas tentativas falhadas, a pobre menina sentou-se e começou a chorar.

Anda! As lágrimas não te vão ajudar em nada!, dizia Alice a si mesma, procurando encorajar-se. *Acaba lá com essa fita imediatamente!* Era muito comum dar a si própria conselhos de grande sabedoria (ainda que raras vezes lhes desse ouvidos) e, às vezes, chegava a ralhar tão severamente consigo que acabava por encher ainda mais os olhos de lágrimas. Certa vez, lembrou-se de puxar as suas orelhas por ter feito batota numa partida de cróquete que jogava consigo própria... Esta curiosa criança gostava muito de fazer de conta que era duas pessoas! *Mas agora não vale a pena fingir que sou duas pessoas!*, pensou a pobre Alice. *Mal me sobra material para fazer uma pessoa digna de nota!*

Quase sem dar conta, o seu olhar foi ao encontro de uma pequena caixa de vidro que estava pousada debaixo da mesa. Abriu-a e descobriu um minúsculo pedaço de bolo em que as palavras «*COME-ME*» apareciam elegantemente desenhadas com pequeníssimas passas de uva. «Bem, vou comê-lo», disse, «e, se me fizer crescer, conseguirei chegar à chave; se me fizer encolher mais, hei de conseguir esgueirar-me por debaixo da porta. Tanto me faz o que aconteça desde que, de uma forma ou de outra, eu consiga entrar no jardim.»

Deu uma pequena dentada no bolo, murmurando, ansiosa: «Para que lado irei crescer? Para cima? Para baixo?» Levou as mãos à cabeça, tentando sentir para que lado cresceria, e ficou bastante surpreendida ao descobrir-se com o mesmo tamanho. Na verdade, isto é o que normalmente acontece quando se come bolo, mas Alice estava tão preparada para esperar tudo o que fosse totalmente inesperado que já lhe parecia entediante e estúpido que a vida continuasse a correr dentro da normalidade.

Assim, decidiu aplicar-se mais, e dali a nada tinha comido a última migalha do bolo.



   penguinlivros

 iguana_editora



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN: 978-989-583-996-4



9 789895 839964